

ADOLESCÊNCIA E LEITURA: ENTRELAÇANDO EXPERIÊNCIAS NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO

Rosângela Queiroz Garcia Leite Nogueira¹, Rosemar Eurico Coenga²

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação - *Stricto Sensu* em Ensino pela Universidade de Cuiabá e Instituto Federal de Mato Grosso (UNIC/IFMT). Linha de pesquisa: Linguagem e seus Códigos - rosangela@castronogueira.adv.br; ²Docente do Programa de Pós Graduação - *Stricto Sensu* em Ensino pela Universidade de Cuiabá e Instituto Federal de Mato Grosso (UNIC/IFMT); orientador da Linha de pesquisa: Linguagem e seus Códigos - rcoenga@gmail.com

RESUMO

O presente estudo faz parte de um programa de mestrado em ensino, oferecido pelas instituições UNIC e IFMT. O estudo apresenta algumas reflexões sobre as experiências de leituras de adolescentes internas no sistema socioeducativo feminino, as quais estão devidamente matriculadas em um programa de escolarização oferecido pela Secretaria de Educação de Mato Grosso. Para tanto, buscamos conhecer as experiências de leituras das adolescentes internas na unidade socioeducativa através da coletas de dados realizados com duas servidoras incentivadoras/mediadoras do processo da leitura naquele espaço. Dessa forma, o estudo contempla uma abordagem qualitativa, utilizando-se técnicas de entrevistas semiestruturadas, valendo-se, ainda, para fundamentar o presente estudo, de apontamentos de alguns estudiosos do conhecimento da leitura e mediação de leitura.

Palavras-chaves: Adolescente. Leitura. Mediação.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi construído a partir de um trabalho realizado na unidade do Centro de Atendimento Socioeducativo de Internação Provisória e Internação Feminina - Polo Cuiabá, fazendo parte de um programa de mestrado em ensino oferecido em conjunto pelas instituições UNIC e IFMT.

Por intermédio de relatos de duas servidoras da unidade socioeducativa feminina, buscamos conhecer as experiências de leituras das adolescentes internas na unidade, as quais demonstraram um verdadeiro comprometimento e amor pela atividade de aproximação das obras literárias para com as adolescentes internas no socioeducativo.

Entre os direitos do indivíduo de participar dos benefícios da vida civilizada, social, cultural e intelectual, está o direito à educação. A Constituição Federal, em seus artigos 205 e 214, assegura e disciplina a distribuição e implementação do direito à educação, extensivo a todos os brasileiros e, em especial, à criança e ao adolescente.

Em atendimento a esse comando constitucional, o ECA/Lei 8.609/90 assegurou e ampliou tais normativas, posto que destaca a prioridade da ação educativa na aplicação das medidas socioeducativas, tais como receber escolarização e profissionalização; obrigadoriedades de atividades pedagógicas; atividades culturais; receber assistência religiosa, entre outros direitos não menos importantes.

Com base nos estudos de Costa (2006), a socioeducação caracteriza-se como medida de dimensões pedagógicas educacionais que visam construir junto dos adolescentes o desenvolvimento pessoal, propondo conceitos humanistas, pela reflexão de valores, tendo em vista a (re) socialização, integração com o meio, e, principalmente, a interrupção da trajetória infracional do sujeito. Tais medidas amparam adolescentes entre 12 a 18 anos, permitindo, apenas para os casos expressos em lei especial, sua aplicação a pessoas entre 18 a 21 anos de idade.

Além disso, o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE prevê a formação educacional e profissional do adolescente, devendo, por consequência, a escolarização básica ser oferecida na unidade socioeducativa.

A vista disso, por meio de autorização judicial, adentramos no CASE – Feminino com propósito conhecer as experiências de leitura nas dependências da unidade, oportunidade em que fomos apresentados às conselheiras da unidade, que, informalmente, são responsáveis pela mediação de leitura nas dependências daquela unidade socioeducativa.

LEITURA E MEDIAÇÃO DE LEITURA

Apontam os estudos de Aguiar que ler é apropriar-se de um produto cultural, bem como entrar em contato com um objeto histórico e social, construído ideologicamente. Consequentemente, a atividade leitora propicia um leque de experiências para os sujeitos, os quais passam a interagir com novas convicções e sentimentos, assim como traduzem novas formas de compreender o mundo as relações humanas. AGUIAR (2013, p.154).

Tais experiências podem proporcionar ao sujeito leitor diferentes formas de autonomia, liberdade e poder. Dessa forma, Duster (2002, p.110) define que “o leitor se forma com a liberdade para escolher sem obrigatoriedade, posto que o livro não é material didático e o professor dever ir no caminho do interesse do sujeito leitor”. Segundo a Autora, o leitor se constrói de forma heterogênea, mediante identificações, gestos, práticas escolares e não escolares, bem como por meio de histórias contadas e contato com os livros. E, ainda, mediante as intervenções de pessoas que apresentam a leitura em horizontes em que a *liberdade, escolha e opção* iluminam o trajeto do sujeito leitor.

Contudo, explica Dalvi (2013,p.75), os textos literários são apresentados em desarticulação com o mundo da vida, com a história e o contexto social econômico cultural, principalmente, para os alunos economicamente desfavoráveis.

A autora ainda sugere que os trabalhos com a literatura, dentro ou fora dos espaços e tempos escolares, sejam distintos do ensino planejado e sistemático de literatura. Como já propôs Jorge Larrosa (2004), “literaturizar” a escola e a pedagogia, ao invés de escolarizar ou pedagogizar a literatura.

Nas palavras de Foucambert (1994, p.135), o leitor “não é quem lê o livro que lhe é proposto, mas aquele que cria seus próprios meios de escolher livros que irá ler, que conhece os meios e os caminhos para encontrar e diversificar os textos ligados aos seus interesses”,

Na visão de Paulo Freire (2000), o ato de ler é uma forma de conhecer o mundo, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita. A leitura do mundo precede a leitura do texto, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele.

Como bem observa Goldin (2012, p.125) a atividade leitora nem sempre transforma o sujeito que lê. Contudo, a leitura pode ser uma forma de *gasto*, de gratuita liberação de

energia. Entende o autor que a leitura consumo, do ócio ou entretenimento merecia mais atenção das pessoas e instituições encarregadas da formação de leitores.

Os estudos de Michèle Petit apontam que o papel do mediador de leitura aproxima o leitor dos textos, podendo, ainda, construir pontes entre o leitor e textos, “contaminando-os” pela paixão da leitura, que, possivelmente, intervirá na abertura de espaços e tempos onde o desejo de ler possa traçar novos caminhos, que certamente poderá levar as crianças e os adultos a uma maior familiaridade e maturidade na abordagem dos textos escritos, contribuindo, assim, para o gosto pela leitura. Dessa forma, expõe Petit:

Assim, o iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso. Seja profissional ou voluntário, é também aquele ou aquela que acompanha o leitor no momento, por vezes tão difícil, da escolha do livro. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais, sem pender para uma mediação de tipo pedagógico (PETIT, 2009p.174-175).

Sendo assim, o mediador é aquele que “constroi pontes para universos culturais mais amplos” aos sujeitos leitores, assim como o que exerce um papel chave para que o leitor não fique sitiado entre alguns textos e, ainda, aqueles que proporcionam aos leitores uma diversificação de leituras.

Ainda na opinião da Autora, o mediador pode ser um bibliotecário, um livreiro, um professor, um amigo, um assistente social, educadores de um modo geral, ou até mesmo um desconhecido que cruza nosso caminho, os quais muitas vezes desenvolvem um autêntico “trabalho terapêutico” para a vida do leitor.

Como diz a autora, o encontro com o livro coloca o leitor em movimento e lhe permite se conciliar com a sua vida interior, “suspensa, parada, fraturada pelo sofrimento psíquico”. Salieta ainda a autora que os livros roubam um tempo do mundo das pessoas, mas eles podem devolver-lhes, transformando-lhes, ainda. (Petit, 2010:130).

Frisa a autora que a leitura é uma experiência singular, e toda experiência implica riscos para o leitor e para aqueles que o rodeiam. O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo, a palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo, desalojá-lo de suas certezas, de seus “pertencimentos” (Petit, 2009:147-148).

Por conseguinte, diz Petit, a função dos mediadores culturais de livros constitui auxílio dos leitores na compreensão da leitura como instrumento de organização e transformação da própria história. São esses mediadores culturais que criam uma “abertura psíquica” (Petit 2010:50), diante da qual o leitor poderá revisar o seu ser, ampliando seus caminhos para o seu desenvolvimento espiritual.

Constatou a autora, durante suas pesquisas, que jovens críticos em relação escola relataram às vezes um professor que soube transmitir sua paixão pela leitura, despertando nesses jovens a curiosidade, o desejo de ler e de descobrir, fazendo, inclusive, com que gostasse gostassem de ler textos difíceis. Percebeu, diz ainda a autora, que, mesmo com todas as dificuldades e mudanças enfrentadas nos programas educacionais, existe um professor singular capaz de iniciar os alunos em relação aos livros, sem que isso constitua dever cultural, ou seja, da obrigação austera, (Petit,2009, p.158).

Ademais, a autora aborda que não é a escola que desperta o gosto pela leitura, mas, sim, as práticas leitoras de um professor levado por sua paixão leitora, afirmando, ainda, ser a literatura “uma arte que se transmite mais do que se ensina”, através de uma relação

individual, sobretudo, no caso dos que não se sentem muito seguros a se aventurarem por essa via, tendo em vista sua origem social. É como se, a cada passo, a cada umbral que atravessassem, seja-lhes preciso receber uma autorização para ir mais longe. E, se não for assim, voltarão para o que já lhes é conhecido (Petit:166).

Contudo, Petit (p.13) adverte que o espaço íntimo que a leitura proporciona não irá reparar o mundo das desigualdades ou da violência, [...]. No entanto, seguramente, favorecerá que crianças, adolescentes e adultos encaminhem-se mais no sentido do pensamento do que da violência, e, ainda, em algumas circunstâncias, permitirá a leitura abrir um campo de possibilidades, inclusive, onde parecia não existir nenhuma margem de manobra.

DAS EXPERIÊNCIAS DE LEITURA

No sistema socioeducativo feminino de Cuiabá há um projeto não formalizado sobre a leitura de um modo geral, para com as adolescentes internas. Esse trabalho é desenvolvido especificamente por duas servidoras: Maristela e Joelma, que, além do ofício de conselheiras da unidade, vem realizando o papel de mediadoras de leitura naquela unidade socioeducativa.

A intervenção literária realizada pelas conselheiras/mediadoras é um trabalho independente do processo de escolarização realizado nas dependências do Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino. Diante disso, dificilmente ocorre trocas de experiências entre o corpo docente escolar e as conselheiras/mediadoras.

Ambas as servidoras são estáveis, vinculadas à Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos – SEJUDH-MT, sendo que, atualmente, exercem a atividade de conselheiras socioeducadoras, fazendo parte de um trabalho disciplinador e conscientizador cujo objetivo é voltado para a escuta das socioeducandas, com o intuito de elaborar relatórios e instaurações sobre as atitudes comportamentais das adolescentes no espaço socioeducativo, que, a posteriori são encaminhados para o Juizado da Infância e Juventude.

O nascimento da “biblioteca” no espaço socioeducativo nasceu por iniciativa das conselheiras/mediadoras empenhadas na formação cultural das adolescentes. Para tanto, as conselheiras se articularam para trazer alguns livros já existentes na unidade socioeducativa, os quais foram reunidos e organizados em uma prateleira de aço na própria sala do conselho.

Com o intuito de diversificar o acervo, foram adquiridas várias obras literárias por meio de doações particulares e pelos funcionários da unidade. E, ainda, busca-se adquirir constantemente novas obras, vez que há momentos em que as adolescentes manifestam o desejo de ler determinada obra específica, a exemplo do que ocorreu com a obra *O Diário de Ane Frank*, conhecida por elas através de citações em outras leituras.

A princípio, o trabalho com a leitura foi idealizado na unidade para tirar as adolescentes do ócio, bem como aliviar a agitação, que é frequente, além de evitar a frequente imposição de medidas sociopedagógicas através das quais se aplica, em face das internas que eventualmente cometam ato irregular, a suspensão de 21 dias de pátio livre.

Dessa forma, embora começamos o trabalho com os livros nos alojamentos e fora dos alojamentos com o intuito de preencher a ociosidade, além das finalidades acima mencionadas, a mediação de leitura na unidade está embasada no “prazer de ler”, assim como nas escolhas espontâneas.

Constatam as conselheiras que o contato com as obras literárias tem provocado grandes mudanças nas adolescentes, principalmente nos aspectos intelectual e comportamental, sendo isso perceptível, já que, no início de sua permanência no ambiente

socioeducativo, as adolescentes lançam mão de livros com poucas páginas, para, à medida do contato com a leitura, optarem por obras com maior quantidade páginas, ficando, com isso, maravilhadas e agradecidas pela oportunidade de estarem em contato com os livros.

Outra mudança significativa avaliada pelas mediadoras se refere ao universo linguístico, em relação ao antes e o depois das práticas de leitura, visto que as adolescentes chegam ao espaço socioeducativo utilizando a linguagem própria de infratores (não culta), carregada de gírias, para, com o passar do tempo, e em razão, principalmente, do prazer da leitura, perceber-se uma completa mudança de suas identidades. E, dessa forma, as próprias adolescentes percebem que houve melhora em suas linguagens, bem como na ampliação de seu vocabulário, passando não mais utilizar com frequência a linguagem gíria, característica de seus contextos sociais.

Durante os procedimentos das oitivas das mediadoras/conselheiras, estas relataram que, com a prática da leitura no ambiente socioeducativo, as adolescentes conseguem, inclusive, realizar, através de uma linguagem mais formal, um melhor diálogo com o juiz.

A propósito, uma das conselheiras/mediadoras relatou ser comum uma adolescente dizer uma palavra e, nesse momento, admirada, mencionar que sequer sabia que existia tal termo: “Nossa! Nem sabia que eu conhecia essa palavra! É esse mesmo o significado dela?”

Relatam ainda as conselheiras/mediadoras que as adolescentes passam a interpretar suas falas durante as oitivas, buscando se expressar com maior clareza e integralidade, visto que suas falas serão transcritas para o juiz. Assim, floream suas linguagens com palavras novas, adquiridas espontaneamente durante a formação cultural pela leitura.

Dessa forma, observam as conselheiras/mediadoras, as adolescentes, por meio de suas experiências leitoras, passam a pensar mais, assim como organizam melhor suas falas e textos. E esse movimento é demonstrado e observado durante as atividades elaboradas pelas conselheiras no ato das oitivas, vez que as adolescentes relatam para o juiz seus comportamentos e/ou atitudes em desacordo com as normas socioeducativas durante a permanência no socioeducativo.

Nesse diapasão, Michèle Petit nos diz que “graças a mediações sutis, calorosas e discretas” (...), durante o percurso de internação das adolescentes, “a leitura começa a fazer parte de suas experiências singulares, de modo que os livros já não as desencorajavam nem os assustavam. Ao contrário, ajudavam-nas a encontrar palavras, a serem um pouco mais atores de sua própria história” (PETIT 2009, P.11).

É certo que o cultivo da leitura/literatura mediada pelas as conselheiras no espaço socioeducativo tem sido fundamental para a formação cultural das adolescentes. Contudo, acreditam as conselheiras/mediadoras que as experiências de leituras proporcionas a elas vão além do desempenho linguístico, porquanto há fortes evidências de transformação interior das adolescentes.

E, assim, diz Petit (p.185), quando a leitura “‘trabalha’ realmente o leitor, ele pode ser transformado por ela e, nas entrelinhas, encontrar sua fantasia inventiva, se deixar levar pela imaginação, e pensar”. Dessa forma, evidencia-se o caráter formador e transformador da leitura.

As conselheiras/mediadoras nos oportunizam alguns relatos de experiências de transformação de uma das socioeducandas, que, embora já tenha conquistado sua liberdade, tem entrado em contato com as conselheiras/mediadoras para dizer que está se movimentando para realizar a prova da Eja, e ainda espera o resultado da prova do processo seletivo do Instituto Federal de Mato Grosso. Diz, ainda, a conselheira: “essa menina, pra

gente, foi bem emblemática; ela chegou aqui bem crua, bem acuada, aí ela foi tomando bastante gosto pela leitura, e sempre vinha aqui e contava emocionada as histórias dos livros lidos por ela”.

Para uma leitura inicial, as conselheiras/mediadoras têm indicado a obra de *Gilberto Dari Mattje, Tosco*, principalmente para as aquelas que relatam que ainda não tiveram nenhum tipo contato com livros literários.

Segundo o Filósofo e psicólogo, especialista em psicanálise e autor da obra *Tosco*, a ficção nasceu da percepção da dificuldade em lidar com a temática da violência em relação aos jovens adolescentes. A ideia da obra *Tosco* “é interagir com o adolescente, de forma que este se identifique com a história, se veja em algum dos personagens e consiga rever suas atitudes”.

Evidenciam ainda as conselheiras/mediadoras que as experiências de leitura das adolescentes com a obra *Tosco* tem proporcionado a elas momentos de “retornos a si”, pois, segundo revelam algumas, ‘a obra *Tosco* é como se fosse a própria história de vida delas’, bem como as levam a reexaminarem suas próprias atitudes, assim como tem sido o ponto de partida para novas leituras, pelo fato de uma experiência positiva com a leitura.

Grande parte das histórias apresentadas na obra *Tosco* advém de situações vivenciadas pelas adolescentes socieducandas. A história espelha um personagem violento, havendo ainda personagens na história que são internos ou excluídos do convívio social, o que, segundo as conselheiras/mediadoras, facilita a leitura. Dessa forma, a identificação do texto provoca o encontro de si.

As experiências de leituras das adolescentes com a obras *Tosco* vem ao encontro do pensamento do autor, o qual nos diz que toda leitura tem uma parte constitutiva de subjetividade, o que evidencia os aspectos da reapropriação parcial do texto pelo leitor. “Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura. Por isso, a relação com a obra não significa sair de si, mas, também, retornar a si”. Jouve (2013, p.53).

Outra obra intermediada com frequência pelas conselheiras/mediadoras e que tem se tornado um dos livros mais lidos no espaço socioeducativo é *Um sonho de um caroco de um abacate*, de *Moacyr Scliar*, bem como as obras do autor *Pedro Bandeira*, que sempre foi uma disputa pra ler, registrando-se que as adolescentes liam a mesma obra por mais de uma vez e ainda nos perguntavam se havia outras obras de *Bandeira*.

As mediadoras/conselheiras procuram deixar as adolescentes livres para escolher suas leituras, até porque “aqui dentro da unidade esse é um dos poucos momentos que elas podem escolher o que elas querem”. Contudo, as adolescentes sempre solicitam orientações sobre o que devem ler.

Sendo assim, as mediadoras indicam, apontam e sugerem obras de vários gêneros, a exemplo dos clássicos *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado; *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis; *O Guarany*, de Jose de Alencar; *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *Dona Casmurra e seu Tigrão*, de Jaf Ivan, além de algumas obras de Guimaraes Rosa e Erico Verissimo, não faltando *best sellers*, como a obra *Crepúsculo*, escrita pela americana *Stephenie Meyer*, bem como outras obras pertencentes à nossa “biblioteca”.

No entanto, as experiências de leituras das adolescentes com alguns clássicos não são muito exultantes, vez que o gênero apresenta uma linguagem distante e incompreensível para as adolescentes, dado que a grande maioria das adolescentes em medidas socioeducativas, desde sua infância, não teve contato com a cultura letrada.

Contudo, textos com uma linguagem mais próxima da realidade cognitiva e social das adolescentes as têm atraído com mais facilidade, porquanto sentem-se capazes de entender sem dificuldades, já que se inserem em um campo conhecido, a exemplo da obra *Dona Casmurra e seu Tigrão*, de Jaf Ivan. A adaptação do cânone é constituída por uma linguagem próxima, portanto mais acessível. Dessa forma, a obra tem provocado sentidos para algumas adolescentes leitoras.

De acordo com as mediadoras/conselheiras, as adolescentes também tiveram boas experiências de leituras com obras como *A Viagem de Parvana: Mais uma História de Garotas Afegãs*, e *O Diário de Anne Frank*, visto que os enredos das tramas apontam contextos de adolescentes em conflitos diversos, tais como pobreza, guerra, solidão, abandono, confinamento, coragem e persistência, bem como contextos culturais e histórias diferentes do universo vivencial das adolescentes. Nas práticas das devoluções desses livros, as adolescentes, de um modo geral, apresentam-se deslumbradas por conhecer universos tão diferentes. Expressam, admiradas: “nunca tinha ouvido falar disso, meu Deus”.

As mediadoras/conselheiras contam ainda que há uma procura espontânea, por parte das adolescentes, pela leitura da bíblia e textos religiosos, além de livros de autoajuda. No entanto, analisam que algumas adolescentes buscam ter experiências literárias com bíblia e de livros religiosos para demonstrar mudanças comportamentais e espirituais.

As adolescentes, quando chegam ao espaço socioeducativo, apresentam um baixo nível de letramento, não gostam de estudar, sendo que muitas relatam aversão a frequentar os espaços escolares. Relatam as mediadoras que “a maioria delas chega na unidade sem qualquer experiência com a leitura literária, tampouco com outras leituras, demonstrando um baixo capital cultural e letramento. Todavia, é realizada uma mediação individual para despertar o prazer de ler, a curiosidade e o desejo de ler de forma espontânea, inclusive, de textos difíceis para a realidade das adolescentes.

Daí, a estratégia de indicar a obra *Tosco*, posto que, após essa leitura, as adolescentes sempre solicitam uma próxima. Algumas ainda dizem: “será que o próximo também vai falar de mim?”.

Durante uma das entrevistas, chamou a atenção uma experiência narrada por uma das ‘mediadoras’ sobre a adolescente ‘T’, que, segundo a narrativa, leu grande parte dos livros disponibilizados na “biblioteca, entre os quais, praticamente, todas as séries *Crepúsculo*. A adolescente, ao chegar na unidade para o cumprimento da medida socioeducativa, revelou-se extremamente problemática e agressiva, até. Contudo, a leitura transformou-a, ao contrário, em uma menina calma e acessível. Segundo uma das ‘mediadoras’, a adolescente, no início da rotina de leitura, ao cometer determinado mal feito, dizia: “dona Maristela, aprontei isso, sim. Mas, me dá um livro que eu vou para o quarto e fico tranquila”. Segundo a ‘mediadora’, foi observado que, realmente, ‘T’ devorava os livros e já evidenciava um bom nível de compreensão leitora.

Todavia, as mesmo as adolescentes que não dominam a compreensão da linguagem escrita não têm rejeitado a leitura/literatura, aproximando-se, entretanto, de textos mais fáceis e próximos de suas realidades. Para tanto, é necessário atrair as adolescentes com os livros estimulantes e adequados às suas preferências literárias.

Dessa forma, observa Petit, o ato de ler permite, às vezes, deciframos a nossa própria experiência:

Os escritores nos ajudam a nomear os estados pelos quais passamos, a distingui-los, a acalmá-los, a conhecê-los melhor, a compartilhá-los. Graças a suas histórias,

escrevemos a nossa, por entre as linhas. E porque tocam o mais profundo da experiência humana - a perda, o amor, o desespero da separação, a busca de sentido - não há razão para que os escritores não toquem cada um de nós. E é exatamente nesse ponto que jovens leitores vindos de meios desfavorecidos podem, muitas vezes, se encontrar com eles. PETIT (2009,p,38-39)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as conselheiras/mediadoras não possuam formação e competência profissionais específicas acerca do ensino da literatura, o trabalho realizado por elas abriu espaço de suas possibilidades ao ampliar o universo de linguagem e cultural, bem como tem contribuído para a formação, hábito e gosto pela leitura/literatura das adolescentes engajadas com a atividade leitora no contexto socioeducativo. Assim, as intervenções realizadas pelas mediadoras têm favorecido a formação literária, no espaço e no tempo socioeducativo, com o intuito provocar a continuidade do letramento literário fora do espaço socioeducativo.

O projeto de leitura, embora não formalizado e distante das práticas pedagógicas sistematizadas no socioeducativo, ganhou dimensões inesperadas pelas conselheiras/mediadoras, vez que o trabalho começou a gerar frutos, pois, de forma espontâneas, as adolescentes têm “multiplicado” o gosto e o hábito pela leitura, realizando, inclusive, trocas de livros entre si e, ainda, compartilhando suas experiências com histórias lidas por elas. Foi dessa forma, segundo as ‘mediadoras’, que os livros passaram a circular de foram inesperada na unidade socioeducativo.

Para Petit (2010, p. 139), ‘é o encontro entre o eu e os outros. É por meio das intersubjetividades que surge o desejo de ler’.

Ao ouvir sobre as experiências de leitura das adolescentes, por meio dos relatos das conselheiras/mediadoras, vimos que a leitura, de um modo geral, tem contribuído para a transformação das adolescentes. Aliás, segundo Petit (p. 99-100), a leitura pode contribuir para “a reorganização de universos simbólicos linguísticos em diferentes campos”.

Por conseguinte, contribuí para transformações na representação de si mesmo, na maneira de se pensar, se dizer, se situar nas relações familiares, bem como nas transformações nas formas de sociabilidade e solidariedade, podendo, ainda, proporcionar caminhos para que os jovens se tornem um pouco mais atores de suas vidas, donos de seus destinos e não somente objetos do discurso dos outros, assim como a se diferenciar dos rótulos estigmatizantes que os excluem. E, ainda, como é sabido, transformações na trajetória escolar e profissional.

Evidenciam os estudos que a leitura é “uma arte que se transmite mais do que se ensina”. Contudo Petit (2009, p.148) destaca que, “embora a leitura fosse em grande parte uma questão de família, também é influenciada por um contexto mais amplo, um ambiente que convida ou desestimula a aproximar-se dos livros”.

Concluimos, então, que o trabalho realizado pelas ‘conselheiras/mediadoras’, movidas pelo amor à leitura e à literatura e, ainda, por um olhar diferenciado das adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, construiu um ambiente de aproximação da leitura/literatura com as atividades escolares de um modo geral, oportunizando a cada adolescente oportunidades de encontros singulares com os textos que podem lhes oferecer algo em particular.

No entanto, observamos que o trabalho de mediação da leitura realizado pelas conselheiras/mediadoras deveria ser entrelaçada com a escola, que também se encontra nas

dependências da unidade, visto que a leitura é uma atividade dinâmica, e a compreensão de um texto envolve inúmeras habilidades que ultrapassam a capacidade de decodificação da língua escrita, exigindo, por assim dizer, procedimentos sistemáticos adotados pela escola.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O saldo da leitura**. In: DALVI, Maria Amélia et al. (Org.). **Leitura de literatura na escola**, São Paulo: Ed. Parábola, 2013.

BLOG, **Tosco em ação**: disponível em: <<https://blog.toscoemacao.blogspot.com.br/2011/08>.

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988: Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Natureza e essência da ação socioeducativa**. In: ILANUD, ABMP, SEDH; UNPA (Orgs.). **Justiça, Adolescente e Ato Infracional: socioeducação e responsabilização**. São Paulo: Ed. Ilanud, 2006.

DALVI, Maria. **Leitura de literatura na escola**. In: RESENDE, Neide Luzia de, FALEIROS, Rita Jover (org.) São Paulo: Ed. Parábola, 2013

DAUSTER, T. **Jogos de inclusão e exclusão sociais: Sobre leitores e escritores urbanos no final do século XX no Rio de Janeiro. A Experiência da Leitura**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.

Estatuto da Criança e do Adolescente: disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo, Cortez Ed., 2000.

GOLDIN, Daniel. **Os dias e os livros – Divagações sobre a hospitalidade da leitura**, Tradução Carmem Cacciacarro. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2012.

JOUVE, Vicent. **A leitura como retorno de si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas**. In: ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. de. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Ed. Alameda, 2013.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2009.

_____, **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. Tradução Artur Bueno e Camila Boldrini Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010.

Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo SINASE: disponível em <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>

ADOLESCENCE AND READING: INTERTWINING EXPERIENCES IN EDUCATIONAL SYSTEM

Abstract

Abstract: this study is part of a master's program in education, offered by the UNIC and IFMT institutions. The study presents some reflections about the experiences of adolescents readings in women's educational system, which are properly enrolled in a schooling program offered by the Department of education of Mato Grosso. To this end, we seek to know the experiences of readings of adolescents in youth through the drive's internal data collections carried out with two servants incentive/reading process mediators in that space. In this way, the study includes a qualitative approach, using semi-structured interview techniques, using to substantiate this study, notes from some scholars of knowledge of reading and reading mediation.

Keywords: Teen. Reading. Mediation.